

A REMONTAGEM DO MUNDO: UM ESTUDO DO POEMA “O ELEFANTE”

Marco Antônio Castelli *

A socialidade primária feita de coisas simples e arranjadas, de vizinhança e solidariedade está perdida no tempo. Nesta socialidade o ser humano não tem medida, ele é visto pela criatura que verdadeiramente é, na sua essência. Na sociedade de homens inteiros as sofisticções não existem. Não deve haver complexidades. O homem trabalha e divide o trabalho, ele sustenta e divide o sustento. Não há que armazenar porque sente a presença do semelhante. Esta sociedade, infelizmente, está no passado quase remoto, porém, não se perdeu na memória do poeta.

É então que o poeta procura por esse homem e conclama-o a uma sociedade em que o amor e o belo se sacralizam. A sacralização da forma ingênua de viver e pensar. O poeta fala do seu tempo, do hoje, abraçando o lirismo das coisas para representá-las através da “memória rica da linguagem” quebrando o senso comum, aquilo que está sob o domínio do ideologizado, contrapondo-se ao que é pré-moldado e subvertendo a ordem dos valores estabelecidos de

“um mundo enfastiado
que já não crê nos bichos . . .” (e na poesia)

para reavivar a memória empedernida na tentativa incansável de sacralizar os valores mais profundos da vida humana:

“onde há flores de pano
e nuvens, alusões
há um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais”.

Lucidez e espírito crítico perpassam a obra de Drummond. Lucidez e espírito crítico, mostrando a carga de perplexidade ante uma sociedade tecida de fraudes e vazio, através da singeleza e, ao mesmo tempo, prosaísmo, em *O Elefante*.

“Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluída e permanente,
alheia a toda fraude”.

O sentimento de amor que emana d'O *Elefante* é o sentimento com o tempo do poeta procurando recompor, reavivar através do próprio poema, chamando a atenção do homem para os verdadeiros valores da vida. O elefante é o seu símbolo de coisas que são simples, mas como a própria tentativa de recomposição, ao mesmo tempo complexas. *O Elefante* é o seu símbolo de luta. O poeta recria os objetos e o clima em que esses objetos se realizam, dando-lhe o verdadeiro caráter, valor e função, contudo sem idealizá-los, pois eles existem porque existe a linguagem poética, a única arma imune aos efeitos da coerção social. É justamente essa linguagem poética um dos seus "poucos recursos" para fabricar o seu elefante, o seu personagem-brinquedo que o transporta à memória da infância, ao mundo da recriação.

“Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
E tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.
Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar”.

A montagem do elefante é feita dos pedaços tomados aqui e ali na memória do poeta. É feita de elementos simples que se movimentam além da concepção fraudulenta do mundo de hoje que é, em contrapartida, um mundo morto, sem graça, sem felicidade, feito de coisas vãs, um mundo cuja complexidade tenta soterrar os valores humanos mais profundos.

É nesse passo que vemos a consciência crítica do homem e do poeta Drummond que busca a recomposição árdua do universo mágico que os novos tempos renegam:

“Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no fundo do oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
nos campos de batalha,
à procura de sítios,

segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
a folha ou a formiga
recolhem o talhe”,

Drummond tenta recolher as verdadeiras formas naturais, mostrando que são os elementos mais simples que recompõem a verdade; assim, na construção do objeto do poema, os pedaços mais primitivos da memória, ao mesmo tempo a própria linguagem poética, representados pelos velhos móveis (madeira), algodão, paina, cola, pano estampado de flores, pluma, etc.

Vê-se, portanto, que ao montar seu elefante o poeta retira da memória um processo da infância — reinventa no brinquedo sua forma de amor: o poema e, ao reinventá-la, “reagrupa as formas naturais”. Então costura o poema com um lirismo mítico cheio de encantamento, o que faz exatamente supor o seu desencantamento com o mundo reificado, sua justa forma de condenar a sociedade do seu tempo. É a respeito disso o argumento de Alfredo Bosi: “A resposta ao ingrato presente é, na poesia mítica, a ressacralização da memória mais profunda da comunidade. A poesia trabalhará, então, a linguagem da infância recalçada, . . .”

Drummond traz implícito ao poema o mito da infância, que só se aclara e se insurge como tempo imorredouro no momento presente-maduro e inquisitivo. Embora o seu *Elefante* seja tão presente, é, na verdade, uma representação do tempo passado, o tempo da criança que junta os pedaços de sua intimidade e constrói o seu mundo cheio de disfarces, justamente para resguardar a invenção. Assim como a criança ao passar o seu eu para o brinquedo-verdade, dando-lhe existência cheia de simplificação, eis o poeta passando o seu eu para o bicho-personagem no mesmo processo. Justifica-se dessa forma sua postura diante de *Criança e Brinquedo* (OC 801): “Não lhe dêem brinquedo caro, porque logo o desmonta para brincar com um pedaço qualquer. Dir-se-ia instinto de destruição, comum à espécie. Inclino-me a crer que seja instinto de simplificação e prazer de recriar, em novas bases, a realidade imposta”. Justifica-se ainda pelo verso: “em que amo disfarçar-me”.

Ao lermos suas palavras sobre o que seja Infância (OC 637) — “Nossa infância, em geral, constitui-se de bens mofinos episódios, que só para nós se identificam com a mais louca fantasia; há, é certo, um meio de transmitir essa herança personalíssima: a via poética.” — podemos concordar que *O Elefante* é o brinquedo de montagem, através do qual o poeta-menino faz a busca desse mito que se organiza pela memória. Isso tudo se faz por um discurso simples, despojado e, por isso mesmo, rico a nível lexical e sintático. Diz o próprio Drummond que suas palavras vivem em “estado de dicionário” (OC 139).

Acima de tudo, notamos que essas palavras, reagrupando as formas naturais, formam a ponta de lança, “meus poucos recursos”, a sua arma de luta que quer ferir, acorda essa sociedade de homens que

“só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.”

Homens que não se expõem, que criam à sua volta a própria armadilha — o seu medo, medo que é a sua coberta. Impedem-se a si mesmos de verem-se ao espelho — esse bicho-criança, a alma, o ser, o humano.

Carlos é o gauche. É o elefante: desengonçado, desproporcional, pesado, patético, de olhos distantes e cansados. É o poeta, ser inquieto rompendo sua individuação, transferindo a inquietação para o poema. Carlos é poema, e este se forma dos elementos recolhidos na memória, não com a pretensão única de fazer voltar o passado, mas de reestruturar o presente. Drummond faz do poema a sua denúncia, da qual, no entanto, ele desconfia como elemento de força efetiva:

“Exausto de pesquisa, caiu-lhe o vasto engenho como simples papel.
A cola se dissolve e todo seu conteúdo de perdão, de carícia, de pluma, de algodão, jorra sobre o tapete, qual mito desmontado”.

Porém, sua proposta continuará, sua pesquisa é imorredoura, porque tanto a linguagem quanto a infância sobreviverão.

O seu poema é flor que se reabre a cada manhã:

“Amanhã recomeço.”

Esta a proposta maior que justifica o seu trabalho, cheio de inquietações em *Rosa do Povo*. É sobretudo, a arma mais poderosa do poeta que sabe o quanto um poema é frágil no mundo de hoje, onde ele parece ser o único ser consciente, trazendo, por isso, a ciência da dualidade dos tempos, mostrando-se, por isso, dividido e infeliz — então o poema surge ambíguo, seu caráter principal.

No caso d’*O Elefante* pode-se depreender a busca do mundo distante dos tempos de infância, ou na própria estrutura do texto, tomando-se a montagem do elefante como montagem do poema. De qualquer modo, parece-nos que ambas as idéias se acham implícitas.

Enfim, *O Elefante* mostra o propósito de restaurar os valores mais primitivos do homem, ao evocar a imagem desse bicho “todo graça”, semelhante ao mundo da criança — remontagem de um tempo que persiste na alma do poeta e que resiste a toda espécie de coerção social.

* Prof. de Português na UFSC

Atualmente cursa o Pós-Graduação em Literatura Brasileira